

REVISITANDO RAPOSO D' ALMEIDA

por
Walter F. Piazza *

Já se vão quarenta anos que dediquei um primeiro estudo ao autor açoriano Francisco Manoel Raposo d' Almeida, com expressiva contribuição à cultura brasileira, quer como jornalista, quer como professor ou, ainda, como investigador da História¹.

Entretanto com a obtenção de novos elementos elucidativos achamos oportuno revisitá-lo.

I

Nas águas do Atlântico se embalam as nove ilhas do Arquipélago dos Açores.

E, em uma delas, na Ilha de São Miguel, no Conselho da Ribeira Grande, na sua costa norte, está a freguesia do Senhor Bom Jesus do Rabo de Peixe.

Alí nasceu Francisco Manoel Raposo d' Almeida.

De início atribuiu-se datas divergentes ao seu nascimento, por

* Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (Brasil).
Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil).

¹ V. nosso "Roteiro de um jornalista açoreano". Angra do Heroísmo, *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, nº 13, 1955. p. 1-25.

informações de fontes secundárias: ou de 15 de Agosto de 1807² ou 17 de Agosto de 1817³.

A busca documental nos conduziu ao seu assentamento de batismo que é deste teor⁴:

“Francisco. Filho legítimo de Antonio Tavares Rapozo, e de Maria da Conceição, naturaes freguezes desta Paroquial do Senhor Bom Jezuz, lugar de Rabo de Peixe, netto paterno de Manuel Rapozo, e de Maria Francisca, e materno de Jozé de Almeida, e de Roza Maria, nasceo em os dezassete dias do mez de Agosto do anno de mil oitocentos e dezassete, e foi baptizado em os vinte e trez dias do dito mez e anno; foi padrinho Francisco, filho de Jozé de Almeida e de Roza Maria, freguezes desta mesma Paroquial, sendo testemunhas que comigo assignarão o Reverendo Thesoireiro Jozé Francisco de Brum, e o Sacristão Ricardo Jozé, freguezes desta mesma Igreja Paroquial, na qual o predito menino foi baptizado no referido dia por mim Jozé de Medeiros Rapozo, Vigario da mesma Paroquial, de que para constar, fiz este assento, que o assignei no dia, e era supra. O Vigro. Jozé de Medeyros Rapozo. Ricardo Jozé”.

À margem do referido termo está anotado que foram extraídas certidões: a primeira a 2.11.1838, a segunda a 28.4.1840 e a terceira a 4.5.1841, com a rubrica “Cura Pereira”.

Estas certidões seriam para formalizar o ingresso na Universidade de Coimbra?

Tudo leva a crer!

II

Da Ilha de São Miguel partiu para o Continente, para Portugal!
Amparado pelo Visconde de Almeida Garret (João Batista de Almeida

² João Franklin da Silveira Távora, *Elogios dos sócios falecidos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, RIHGB, tomo 49, 2ª parte, p. 535 e ss.

³ *A comarca*, jornal, Mogí-mirim, S. Paulo, ed. de 1º.1. 1908.

⁴ ARQUIVO DISTRITAL DE PONTA DELGADA. Freguesia de Rabo de Peixe. Batismos V. nº 17, 1814-1819, fl. 97v.

Garrett) foi, segundo um dos seus biógrafos, matriculado no Colégio dos Nobres, em Lisboa⁵.

Este colégio fora fundado pelo Marquês de Pombal (Sebastião José de Carvalho e Melo), em 7 de Março de 1761, mas só iniciou as suas aulas a 19 de Fevereiro de 1766 e foi extinto em 4 de Janeiro de 1837.

Ali eram matriculados cem (100) alunos, de idade entre 7 e 13 anos, e que deviam ser moços fidalgos. Ali se ensinava grego, latim, francês, italiano e inglês, matemática, arquitectura militar e civil, desenho, física, esgrima, dança e equitação, além de ler, escrever e contar para os iniciantes⁶.

Se não se matriculou, como foi afirmado, deve ter havido o intuito, pelo menos.

III

Dalí passou para as vetustas arcadas da Universidade de Coimbra, onde, como aluno voluntário, em 1840-1841, e frequentou as aulas das Faculdades de Matemática e de Filosofia⁷.

Entretanto, o seu génio aventureiro, a sua inconstância, levaram a distrair-se das aulas.

⁵ Távora, *Ob. cit.*

⁶ A informação de que cursara não teve confirmação em investigação que se levou a cabo no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, núcleo "Colégio dos Nobres", em vários códices, como "Livro dos Estudantes admitidos" (1834-1836), "Livro dos colegiais" (1805-1837); "Pensões que pagam seus colegiais" (1830-1837 e 1798-1837) e outros!

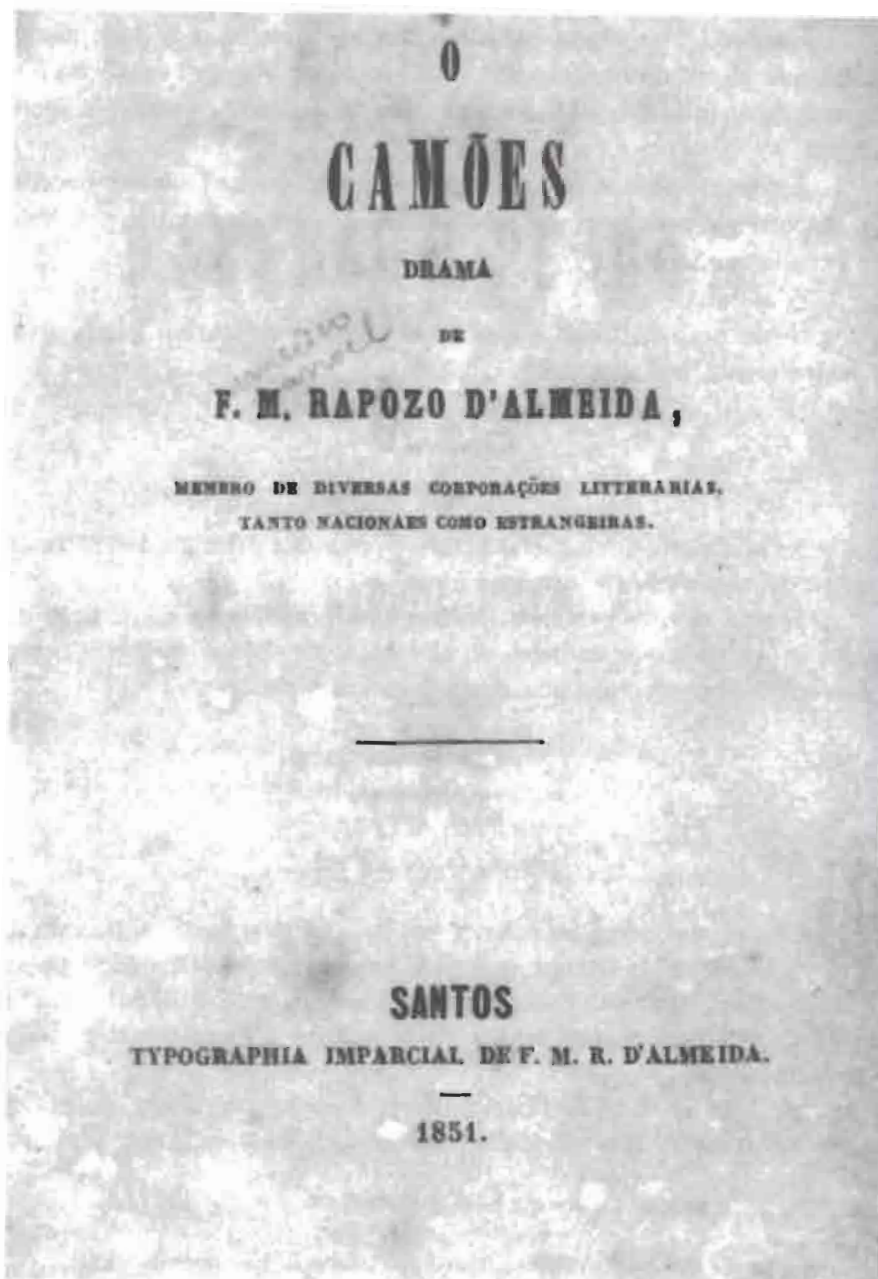
⁷ Mário Brandão (então Director do Arquivo e Museu de Arte da Universidade de Coimbra). Informação por carta.



Retrato de Francisco Manoel Raposo d' Almeida
(constante da 1ª edição de “O Camões”, 1851).

Francisco Manoel Raposo d' Almeida.

Assinatura constante no “Livro de naturalizações”,
da Câmara Municipal do Desterro (hoje Florianópolis), SC (1857).



Folha-de-rosto da 1ª edição de "O Camões"

Era 1842, “na minha querida e saudosa Coimbra, e n’ uma idade, posto que já eivada de desgosto, contudo ainda cheia de ilusões e de esperanças no futuro”⁸, inicia a sua obra literária, objecto de uma referência adiante.

E, conclue afirmando: “... abrigando-me na histórica fonte dos amores, ora discorrendo por essas margens do Mondego, ora sumindo-me pelo Vale do Penedo das Saudades”⁹.

E, assim, divaga...

Neste período havia muita fermentação política em Portugal e, principalmente, nos seus meios estudantis.

IV

Na história político-social da terra portuguesa a década de 1840 está prenhe de movimentação revolucionária.

Tem-se o pronunciamento militar em Torres Novas e a sedição da praça de Almeida e os começos da sublevação de “Maria da Fonte”, com tanta ressonância popular, que, desta forma, se expressava:

“Viva a Maria da Fonte
com as pistolas na mão
para matar os Cabraes
que são falsos à Nação!”¹⁰

Contra o governo se achava, em posição destacada, entre outros intelectuais, Almeida Garrett, que, pela imprensa e pela tribuna, batia-se valentemente, perfilhando o não cumprimento do decreto de 10 de Fevereiro de 1842, que convocara Cortes Extraordinários para reformar a Carta Constitucional¹¹.

Ao lado de Almeida Garrett estaria, logicamente, o seu protegido, Raposo d’ Almeida, que após se envolver na sedição armada que culminou

⁸ F.M.R.d’Almeida. *Camões* - “Introdução”. Santos, Tip. Imparcial, 1851.

⁹ Idem.

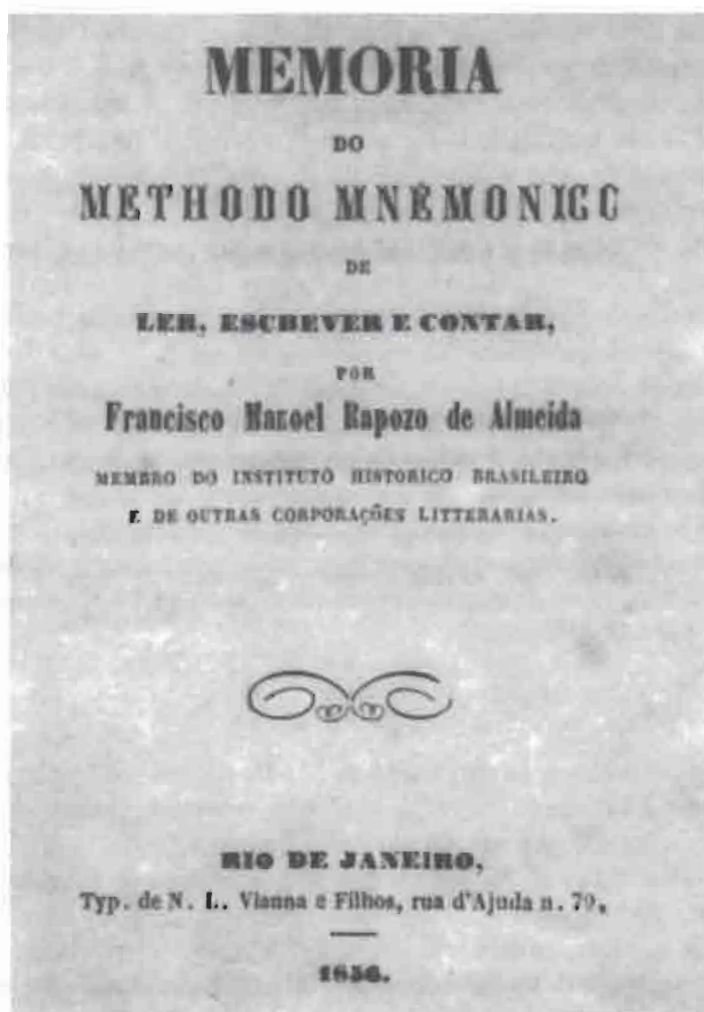
¹⁰ Maximiano Lemos. *Enciclopédia portuguesa ilustrada*. Porto, v. 7., p. 32 e ss.

¹¹ Manoel Pinheiro Chagas. *Dicionário popular*. Lisboa, 1876. v. 1, p. 317.

no desastre do cerco de Almeida, foi desterrado para a Ilha da Madeira, onde, em Machico, no ano de 1844, “sobre o duro leito do hospital público”, continuou as suas divagações literárias.

Alí, pois, em Machico, escreveu o drama “Camões”.

Afirma-o que tal trabalho lhe valeu a Comenda de N^a S^a da Conceição de Vila Viçosa, além de ser anistiado.



Folha-de-rostro da “Memoria do Methodo Mnemonico...”

Voltará, entretanto, a imperar em terras de Portugal, a grei liberal, podendo terminar para Raposo d' Almeida o seu tempo de penitência política...

V

Terminada a clausura que a política lhe impusera, traçou novos rumos para sua vida.

Por influência de António Feliciano de Castilho e do Conde Moreira resolveu estabelecer-se no Brasil.

Arrumou as malas e tomou o caminho das terras brasileiras.

E, assim, em fins de 1846, trazendo no fundo d' alma novas ilusões e muito desejo de vencer, desembarcou na cidade do Rio de Janeiro, que denominara "Capital do novo Império dos Assírios"¹²

Ao estabelecer-se no Rio de Janeiro a sua primeira ocupação foi a advocacia. Aliou-se, então, à banca de Caetano Alberto Soares.

Travou, a partir de então, inúmeras e importantes relações, quer nos meios forenses, quer literários, ou, ainda, políticos.

Ainda, no Rio de Janeiro, redatoriu a "Nova Gazeta dos Tribunais", até fins de 1848, e onde publicou um dos seus trabalhos literários, "O Monge da Caloura", lembrando cenários de sua distante Ilha de São Miguel, numa evocação saudosa.

Não consegue, entretanto, fixar-se no Rio de Janeiro.

Atacado por doença pulmonar transfere-se para a Cidade de São Paulo, tentando, num clima de planalto, encontrar a saúde, tendo, entretanto, antes viajado por Minas Gerais.

VI

Muito antes de se transferir para São Paulo, em 1847, fora admitido no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, veneranda instituição fundada sob os auspícios do nosso segundo Pedro Imperador.

Nesse sodalício, Raposo de Almeida, colaborou de maneira assídua e, sempre, prestigiando-o.

Na sua Revista deixou impressos: "Oblação à memória do sr. Dom Afonso, augusto primogênito de SS.MM.II.", "Elogio académico do Exmº

¹² João Franklin da Silveira Távora, *Ob. cit.*

Sr. D. Francisco II, Cardeal Patriarca de Lisboa”, “Elogio histórico do marechal Raimundo José da Cunha Mattos” e “Origem do colégio Pedro II”.

Não ficou só nisso a sua prestimosa colaboração aquela Casa de Clío.

À sua Biblioteca ofertou os trabalhos que publicava e os jornais que editava ou dirigia.

Ao falecer os órgãos dirigentes do Instituto tributaram-lhe as merecidas homenagens. O 1º Vice-Presidente, Joaquim Norberto de Sousa e Silva fez a comunicação de praxe à Casa, em sentidas palavras ¹³ e o orador João Franklin da Silveira Távora disse substancioso elogio ¹⁴.

A sua acção, em prol da História, será devidamente avaliada dentro de uma perspectiva moderna, onde se ressaltam os seus méritos de investigador ¹⁵:

“É o caso de Raposo de Almeida, que representa na historiografia estadual, o mesmo papel de Januário da Cunha Barbosa, o primeiro planificador da pesquisa histórica. Ele atende, com a sua “Breve Memória” (Breve Memória sobre o processo mais fácil de investigar, coleccionar e organizar materiais da história), que atesta um melhor preparo que todos os demais trabalhos anteriores, ao apelo de Silva Pontes, de organizar para as províncias um sistema de colheita sistemática de suas fontes primordiais”.

E, como se verá não só propôs o método, mas seguiu à risca as regras que expôs. Foi, pois, um incansável investigador da nossa História!

VII

Talvez pensando nos ideais de conquista da sua gente ou por força de um atavismo quis, Francisco Manoel Raposo d’ Almeida, dedicar-se à agricultura.

Assim, em terras que são, hoje, parte do Estado do Paraná, e que,

¹³ *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 49, parte 2, 1886. p. 430.

¹⁴ Távora, *Ob. cit.*

¹⁵ José Honório Rodrigues. *A pesquisa histórica no Brasil*. São Paulo, Cia. Edit. Nacional, 2ª ed. revista e aumentada, 1969. Col. “Brasíliana”, formato grande, p. 40-41.

naquela época - 1848 - integravam a então Província de São Paulo, planejou a fundação de uma colónia agrícola.

As suas propriedades ficavam na confluência dos rios Ribeira e Assunguí, hoje divisa dos municípios paranaenses de Cerro Azul e Rio Branco do Sul.

Mandou vir, dos Açores, colonos.

Entretanto, a infelicidade rondava a sua obra.

Quando se dirigia ao Rio de Janeiro, para receber os seus compatriotas, não o pode fazer devido a um grande surto de febre amarela que grassava naquela cidade e que ceifou alguns dos colonos, enquanto outros se dispersaram ¹⁶.

Com esse contratempo mudou, também, de idéias.

Raposo d' Almeida ficou, então, na Cidade de Santos.

VIII

À beira-mar plantada, a terra santista, era e é o atractivo para os espíritos sequiosos de lutas.

Alí, “com os poucos recursos que então tinha, com a protecção do Sr. Dr. Martim Francisco Ribeiro d' Andrade(2º deste nome), com um crédito na casa Senador Vergueiro (Nicolau de Campos Vergueiro) & Filhos e sobretudo com uma energia de vontade como a do náufrago que se agarra á última táboa do espedaçado navio, fundei uma tipografia para imprimir a coleção dos meus escritos, e com o seu produto rehabilitar-me para voltar à minha querida terra natal” ¹⁷.

Raposo d' Almeida, por escritura lavrada no 1º Tabelião daquela Comarca, a 14 de Março de 1850, comprava, ao Dr. Martim Francisco, acima citado, pela quantia de \$1.100,00 - um conto e cem mil réis -, uma tipografia com todos os seus implementos, em duas prestações, mas, com um contrato de mútuos compromissos, dos mais interessantes que se possa imaginar ¹⁸.

¹⁶ *O Argos da Província de Santa Catarina*. Desterro, SC, jornal, nº 28, ed. de 7.6.1860.

¹⁷ *Idem*, mesmo número.

¹⁸ Costa e Silva Sobrinho - “Martim Francisco, Raposo e os seus jornais”. S. Paulo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol XLIX, 1952. págs. 182 a 186.

Dessa tipografia saiu o seu primeiro jornal “O Mercantil”, cujo primeiro número data de 4 de Setembro de 1850. Era a Tipografia “Imparcial” sita à rua de Santo António nº 2. Esse jornal circulou quase dois anos.

Da mesma tipografia saíram, também, os seus livros “Camões” (1851) e “Folhas de um album”.

A sua acção, à frente daquele periódico - no nosso fragilíssimo entender - é de alta produtividade intelectual.

Estava, então, Raposo d’ Almeida, no cume da sua vida de literato.

Ainda nas colunas daquele jornal, estampou “O Monge da Serra d’ Ossa”, em vários capítulos e números e, da mesma forma, o seu relato “Viagem à Província de São Paulo”¹⁹.

Aconteceu, porém, o previsível para quem gosta de emitir as suas ideias e difundi-las nos seus escritos: foi alvo de perseguição, por aqueles que, na época, governavam a Província de São Paulo.

É, de então, uma das suas mais brilhantes iniciativas e que se prende, também, à sua actuação jornalística oposicionista.

Neste jornal “O Mercantil” consta ter publicado “Páginas de um album” e “Memórias privadas”.

IX

A ideia da fundação de um Instituto Histórico e Geográfico em São Paulo partiu de Raposo d’ Almeida que, assim, a descreve:

“Com o fim de tomar alguns esclarecimentos para a confecção de uma obra, que pretendia escrever, e para a qual já tinha juntado materiais, vim a esta cidade (São Paulo), e apresentei-me ao Sr. Nabuco de Araujo a pedir-lhe a necessária permissão de explorar no arquivo da secretaria os dados de que eu carecia. S. Ex. recebeu-me com a urbanidade muito superior à minha expectativa e muito mais superior ainda ao que eu tinha direito de esperar. Ofereceu-me as suas relações pessoais, e todo o auxílio para a minha empreza. Propoz encarregar-me de escrever a crónica da província, para o que assegurava uma gratificação

¹⁹ Gil de Metódio Maranhão. Apontamentos que doou ao Instituto Histórico de Goiana e, gentilmente, nos forneceu.

ou ordenado, arbitrado sob sua recomendação na próxima legislatura provincial. Escusei-me, pretextando a S. Ex. não só a minha qualidade de estrangeiro, mas que eu tinha a honra de lembrar a S. Ex. um meio poderoso de levar a cabo esse louvável empenho; e era sob sua influência congregar 16 ou 18 membros do Instituto Histórico, que aqui residiam, agregar-lhes outras capacidades, em que abundava a província, e crear-se um instituto filial do Rio, a quem se cometesse esta empreza, dando-lhe essa projectada verba, bem assim a da estatística, S, sx. aprovou e louvou muito a minha moção, e por assim dizer encarregou-me da formação pratica desse pensamento.

“Entendi-me em seguida com meus illustres colegas os Srs. brigadeiro Machado d’ Oliveira e major Beaurepaire, confeccionamos umas bases de estatutos, chegou mesmo a colaborar-se este magnifico projecto, mas não foi ao cabo por culpa do próprio Sr. Nabuco d’ Araujo, que havendo prometido para as nossas sessões uma sala em palacio, a hora que dela nos iam aproveitar, declarou que era preciso que nos instalassemos primeiramente fora, e que depois da nossa participação official então ele daria a sala. Este procedimento foi olhado sob diferentes prismas, e por isso subestou-se na organização do dito instituto, pretextando a molestia do nosso digno convocador Sr. Machado de Oliveira. Esta corporação literaria, que deveria ser como uma arca da aliança entre as inteligencias distinctas de um e outro lado político foi sacrificada aos tramites officiais de uma participação”²⁰.

E, esta ideia lançada na segunda metade de 1851, foi a que mais tarde germinou graças aos esforços do insigne militar e illustre rebuscador do passado paulista, Brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira, o companheiro de Raposo d’ Almeida na primeira e frustrada tentativa de erguer um Templo à Clio, na Cidade de São Paulo dos Campos de Piratininga.

Como ficou visto o presidente Nabuco d’ Araujo furtou-se a auxiliar um empreendimento cultural, da mais alta valia, conseguindo, que, por essa causa, Raposo d’ Almeida se transferisse de Santos para São Paulo e, como

²⁰ Gil de Metódio Maranhão. “A tentativa de fundação do Instituto Histórico de São Paulo” (comunicação ao Congresso de História comemorativo do IV Centenário da Cidade de São Paulo), 1954.

consequência, o fechamento temporário de alguns órgãos da imprensa oposicionista ao seu governo, que eram impressos na Tipografia “Imparcial”²¹.

Pouco depois, em 1852, se retirava Raposo d’ Almeida para o interior, localizando-se em Pindamonhangaba.

X

Em Pindamonhangaba teve Raposo de Almeida dois elementos decisivos em sua vida.

Por delegação do Bispo de São Paulo, Dom António Joaquim de Melo (nat. Itu, S. Paulo, 29.09.1791 e fal. S. Paulo, 16.11.1861), foi incumbido da organização do primeiro seminário daquela Diocese.

Juntamente com o Padre Tobias da Costa Rezende (1824-1868) a 19 de Abril de 1853, naquela Cidade de Pindamonhangaba, fundou o seminário de Nossa Senhora de Aparecida, que obteve permissão para seu funcionamento da Inspectoria Geral da Instrução Pública da Província de São Paulo, então dirigida pelo Cônego Ildelfonso Xavier. A licença concedida foi por um ano e poderiam os alunos usar hábito talar²².

Dirigindo tal seminário na qualidade de Director-Geral esteve Raposo de Almeida quatro anos, tendo, naquele período, o seminário sido visitado por autoridades da Instrução e Eclesiásticas, que atestaram a sua boa organização²³.

Os Presidentes da Província de S. Paulo, drs. Josino do Nascimento Silva e José António Saraiva, deram apoio áquela obra educacional.

Em Julho de 1854 visitou o Seminário o Bispo de S. Paulo, Dom António Joaquim de Mello, e expressou a sua satisfação e salientou “os relevantes serviços que um tal Instituto estava fazendo no norte desta Diocese”²⁴.

Por esse tempo o Mordomo da Casa Imperial Brasileira, Conselheiro Paulo Barbosa da Silva, oficiou a Raposo de Almeida, comunicando-lhe

²¹ Maranhão, *Ob. cit.*

²² Ataíde Marcondes. *Pindamonhangaba através de dois e meio séculos*, p. 437 e *Pindamonhangaba (Apontamentos históricos, geográficos, genealógicos, biográficos e cronológicos, 1680-1906)*. Parte 1. São Paulo, Tip. Espindola, 1907, p. 282.

²³ *O Argos da Província de Santa Catarina*, edição atrás referida.

²⁴ *Cruzeiro do Sul*. Desterro (hoje Florianópolis), ed. de 28.09.1858 (depoimento do Prelado, na íntegra).

haver o Imperador D. Pedro II aceito a oferta feita de coleções de cartas da Imperatriz D. Leopoldina, do Imperador Pedro I e do Conselheiro José Bonifácio de Andrada e Silva ²⁵.

Na mesma época Raposo de Almeida casava-se, naquela cidade de Pindamonhangaba, com Dona Maria Teresa Salgado de Almeida, filha do Ajudante Antonio Moreira de Souza, cujas raízes se prendem às mais remotas famílias paulistas ²⁶.

Dos seus descendentes e de sua vida familiar falar-se-á adiante.

XI

1857. Volta à “Capital do novo império dos assírios”.

Volta ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, frequentando-lhe as sessões.

Do ilustre prelado que o foi Dom Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, Bispo-Conde de Irajá, recebeu autorização para ensinar Direito Canônico, Teologia e Eloquência Sagrada, com honras idênticas aos professores do Seminário Episcopal ²⁷.

Como membro que era do Instituto Episcopal Brasileiro - agremiação lítero-científica que reunia as mais altas expressões do clero e do laicato da época - foi, alí guindado à Secretaria-Geral.

Pelos seus pares conseguiu a aprovação de várias medidas para o engrandecimento da instituição, como a fundação do seu órgão “A Tribuna católica”, que dirigiu e, ainda, manteve o “Brasil”, “jornal católico, literário e noticioso”, e que também, dirigiu ²⁸

Mas, logo, surgiram os inimigos. Quizeram-no despir das honrarias e procuraram, subrepticiamente, vencê-lo, numa assembleia geral, preparada para despojá-lo dos seus cargos, mas, Raposo d’ Almeida, conseguia outra assembleia, com total comparência dos associados e venceu: dezassete contra dez votos ²⁹.

²⁵ Museu Imperial, Petrópolis, RJ. *Correspondência do Mordomo da Casa Imperial. Borrador.*

²⁶ Ataíde Marcondes. cit.

²⁷ *Cruzeiro do Sul*, nº acima citado, reproduz o atestado do Bispo do Rio de Janeiro, Conde de Irajá.

²⁸ Há exemplares desse jornal na Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro.

²⁹ *Cruzeiro do Sul*, nº 64, de 24.10.1858.

E, vendo-se, novamente, perseguido deixou o Rio de Janeiro, desgostoso.

XII

Rumou para o sul.

No dia 27 de Outubro de 1857, desembarcou, Raposo d' Almeida na Cidade do Desterro (hoje Florianópolis), do vapor "Conde d' Aquila"³⁰.

Primeiramente, aqui, nestas plagas, fundou uma "escola normal do método nemônico", onde preferiam-se analfabetos, "que a frequentem com assiduidade"³¹.

Recém-chegado se apresenta à Câmara Municipal do Desterro, para obter a naturalização.

Alí o declarou³²:

"Termo de declaração que faz Francisco Manoel Raposo de Almeida, como abaixo se declara.

Aos vinte e dous dias do mez de Dezembro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil oito centos e cincoenta e sete nesta Cidade do Desterro Capital da Provincia de Santa Catharina em a sala das sessões da respectiva Camara Municipal onde se achava o presidente da mesma Camara o Sr. Tenente Coronel José Maria do Valle, e sendo ahi presente Francisco Manoel Raposo de Almeida, requer o que em observancia da Lei Geral de 23 de outubro de 1832, vinha declarar que era catholico romano, natural da ilha de São Miguel uma das possessões portuguezas, filho de Antonio Tavares Raposo, e de sua mulher D. Maria da Conceição Tavares de Almeida, ambos catholicos romanos, que residia no Brasil desde 1847; que era casado com mulher brasileira, catholica romana, e da qual tinha um filho: que era advogado e professor d' instrução secundaria, e de direito canonico: que tinha 40 annos de idade, e que pretendia fixar seu domicilio no Brasil. E sendo esta declaração ouvida e acceita

³⁰ *O Mensageiro*, jornal, cidade do Desterro, nº 212, ed. de 20.10. 1857, secção "Movimento marítimo".

³¹ *O Argos*, jornal, cidade do Desterro, nº 235, ed. 14.01.1858, anúncio.

³² Câmara Municipal do Desterro, Livro de Termos de naturalizações, 1834-1871, fls. 20-20v.

pelo Sr. presidente da Camara; e por ter o declarante cumprido o disposto nos 1º e 2º artº. da lei citada, mandou lavrar o presente termo que assignou com o declarante. Eu Manoel Joaquim d'Almeida Coelho, Secretario da camara que o escrevi.
O Presidente José Maria do Valle - Francisco Manoel Raposo d'Almeida”.

Era a sua introdução legal na sociedade brasileira e catarinense, da qual participaria activamente e onde já fizera sentir o seu conhecimento pelos trabalhos literários que editara.

Antes de chegar à então Província de Santa Catarina já fora o seu nome divulgado em acontecimento de grande repercussão.

A 21 de Junho de 1856, na inauguração do Teatro Municipal da vila de São José, fronteira à ilha de Santa Catarina, dava-se a apresentação da peça “O Monge da Serra d’ Ossa”³³, de autoria de Raposo d’ Almeida. Trata-se de um drama com seis personagens (o Monge, D. Alvaro de Almeida, Fernando da Silveira, D. Isabel de Almeida, D. Afonso IV - rei de Portugal -, e Leonor - aia de D. Isabel).

A peça teatral fora, inicialmente, publicada na íntegra em jornal de propriedade de Raposo d’ Almeida³⁴.

A sua trama consta de três actos. O primeiro dividido em seis cenas, tendo como ambiente “sala gothica no castello de Trena, aos lados janellas que deitam, umas para a estrada do Alandroal, outras para o pateo do castello. Ao fundo porta que dá para o interior dos paços. A sala é decorada ao gosto da epocha, e com sumptuosidade. Existem pendentas nas paredes os retratos de alguns guerreiros”. Já o segundo, repartido em cinco cenas, tem lugar no “acampamento militar nos campos do Salado. Ao fundo a barraca real. É noite. De instante ouve-se ao longe o alerta das sentinellas”. E, por fim, o terceiro, partilhado em quatro cenas, passa-se no mesmo local do primeiro acto³⁵.

Entretanto, a 5 de Janeiro de 1858, era nomeado professointerino na Cadeira de História e Geografia, do Liceu Provincial, e logo, em seguida, a

³³ Serra d’Ossa, Alentejo, Portugal. Convento de S. Paulo Eremita (secs. XVI-XVIII), casa-mãe da Congregação dos Monges de Jesus Cristo da Pobre Vida.

³⁴ *O Mercantil*, Santos, São Paulo, eds. de 23 e 30.11.1850; 18 e 24.12.1850; 11, 15, 18 e 22.01.1851.

³⁵ Gilberto & Machado, Osni António Gerlach. *São José*. Edição Especial, jan. 1982, s/nº pág. Transcrição integral da peça.

4 de Fevereiro, o era, também, da Cadeira de Filosofia racional e moral, de cuja cátedra foi exonerado a 1º de Dezembro do mesmo ano ³⁶.

É, a 7 de Dezembro, ainda, de 1858, nomeado promotor público da Comarca de Nossa Senhora da Graça de São Francisco, nesta Terra Catarinense, mas declina da escolha para continuar nas lides do magistério.

Prossegue, desta forma, com as suas aulas no Liceu Provincial.

Mas, a política o atraía, irresistivelmente.

E, passou, assim, a frequentar os conciliabulos políticos, a entrar nas disputas político-partidárias.

Como consequência da sua definição política foi apresentado candidato à Assembleia Provincial e eleito seu deputado, pelo 3º Circulo da Província, que compreendia as vilas da Laguna e Lajes e suas freguesias ³⁷.

Pela sua combatividade passou a ser visado, duramente, pelos seus adversários.

Mal começara as suas actividades parlamentares e, já, era atacado, principalmente, pelas colunas dos jornais concorrentes ³⁸.

Lançou, para sua defesa e para expansão das suas ideias, o jornal “O Cruzeiro”, “jornal político, literário e noticioso” ³⁹.

Recrudescem, entretanto, os ataques e os revides. Aumenta a ira dos contendores. O crescendo dos ataques e dos revides chega ao climax - retalham-se as honorabilidades - e vão às barras da Justiça, por crime de injúria, regido pelas Leis da Imprensa.

Esta luta sustentou-a, Francisco Manoel Raposo d’ Almeida, contra o político conservador e brilhante Oficial d’ Armada Brasileira, na época, também, deputado provincial, Thomaz Pedro de Bittencourt Cotrim, que levou a melhor.

As Justiças condenaram-no a dois meses de prisão. Cumpriu-os.

Voltando às suas actividades jornalísticas, Raposo d’ Almeida, lança “A Estrela”, “periódico literário, político e noticioso”, cujo primeiro número apareceu, na segunda-feira, 6 de Maio de 1861, e que durou até 31 de Outubro

³⁶ José Gonçalves dos Santos-Silva. Notas manuscritas.

³⁷ *O Argos* - nº 530, de 13-XII-1850. PIAZZA, Walter F. *O Poder Legislativo Catarinense, das suas origens aos nossos dias, 1834-1994*. Florianópolis, ed. da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1994, 2ª ed.

³⁸ *O Progressista* - também jornal do Desterro, edição de 22-III-1860.

³⁹ *O Cruzeiro* - nº 25, de 27-IV-1860.

do mesmo ano, quando foi substituído pelo “O Mercantil”, que surgiu, a 4 de Janeiro de 1862, “bi-semanário”, e esteve sob sua direcção até 1º de Março, quando foi transferido ao dr. Joaquim Augusto do Livramento, ilustre figura da vida catarinense, onde teve papel destacado na política e na administração.

Morava, nessa época, Raposo d’ Almeida, na rua Áurea nº 2, da nossa provinciana capital.

Foi, também, por esse tempo, novamente, indicado na chapa do Partido Liberal, candidato à Assembleia Provincial.

Mas, não concorreu.

Aqui, em Santa Catarina, procurou, sempre, elevar-se como professor e pela sua perceptoría passaram distintas figuras da vida pública do século XIX, gente que se destacou nas lides políticas, nos foruns e nos hospitais.

Os seus adversários, entretanto, não o pouparam. Apelidaram-no de **Gambá** e divulgaram a seguinte quadra a seu respeito:

“Na rua de **S. Francisco**

Em casa do **Manoel**

Vende-se **Gambás,**

Salpresos chegados à pouco de **Almeida**”.

Mas, Raposo d’ Almeida era polemista e não se perdia por tão pouco. Lutou, sempre, ferozmente.

A sua sina de andarilho não terminara, também. E ...

Pelo vapor “Imperatriz”, no dia 1º de Abril de 1862, deixou, “com sua família”, as terras de Santa Catarina.

XIII

Procurou a Bahia - a terra onde Pedr’ Álvares Cabral primeiro pisara - para dar ao seu filho e única razão de suas lutas, a educação necessária aos embates da vida quotidiana.

Na Cidade do Salvador foi professor do Seminário Arquiepiscopal, onde, em 1863, pronunciou a aula inaugural das actividades lectivas.

E, dentro da sua paixão - o jornalismo - redatoriu o “Brasil Católico”⁴⁰

⁴⁰ *O Mercantil*, nº 12, de 3.04.1862.

Frequentou, ainda, assiduamente, o Instituto Histórico da Bahia, no qual leu duas biografias: a de Dom Manuel do Monte Rodrigues de Araujo, o Bispo-Conde de Irajá, e a de D. Romualdo António de Seixas, o Arcebispo-Marquês de Santa Cruz, aquela em 1864 e esta em 1863.

Mas, também, na Terra Bahiana, pouco se demorou.

Teve, assim, que partir em busca de outros horizontes.

XIV

Passou-se, então, para a Província de Pernambuco.

Deu, ali, com as luzes do seu saber, inegável contribuição aos estudos históricos, não só daquela parte do território brasileiro, mas, também, à metodologia da história do Brasil.

No Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, fundado a 27 de Janeiro de 1862, foi admitido a 14 de Junho de 1866 ⁴¹.

Naquele ano comparece às sessões de 28 de Junho, 12 de Julho, 26 de Julho e, assim, sucessivamente, nas demais daquele ano.

Assim, na sessão de 12 de Julho, é nomeado para examinar os Arquivos da Câmara Eclesiástica do Bispado, e do Convento Beneditino de Olinda ⁴².

Na sessão de 26 de Julho procede a leitura da “Breve memoria sobre o processo mais fácil de investigar, colecionar, e organizar os materiaes da História” ⁴³.

Este é o seu grande trabalho à Historiografia brasileira, dentro da perspectiva metodológica ⁴⁴:

“Ele atende com a sua “Breve memória”, que atesta um melhor preparo que todos os demais trabalhos anteriores, ao apelo de Silva Pontes, de organizar para as províncias um sistema de colheita sistemática de suas fontes primordiais”.

Mas, a sua contribuição se estendeu mais. Foi bem mais longe.

⁴¹ *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano* (daqui para diante RIAGP), Recife, nº 11, 1866. p. 435-436.

⁴² RIAGP, nº 11, p. 443-445.

⁴³ RIAGP, nº 11, p. 449-456.

⁴⁴ José Honório Rodrigues. *A pesquisa histórica no Brasil*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1952. p.33.

Além de integrar as Comissões de “Redacção da Revista”, de “Trabalhos históricos e arqueológicos” e de “Admissão de sócios”, eleito pela Assembleia Geral do Instituto, realizada a 15 de Fevereiro de 1867, produziu muitos estudos ⁴⁵, tais como “Catálogo dos Bispos de Pernambuco”, “Memória histórica, topográfica e crítica do forte de São Jorge”, “Memória sobre o estabelecimento, permanência e extinção dos jesuítas em Pernambuco”, “Memória sobre a autenticidade do Monte das Tabocas”, “Memória sobre a fundação do recolhimento da Glória”, além de inúmeros outros que não foram enfeixados na Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano.

Mas, a sua actividade intelectual em terras pernambucanas, tem outras vertentes.

Uma delas é o jornalismo.

Já, em 1866, edita o *O Oriente*, “jornal católico, político, literário e noticioso”, editado de 8 de Julho de 1866 a 20 de Maio de 1869, e “tinha por fim considerar o Brasil na sua política, na sua literatura e em todos os interesses moraes e materiaes em relação ao catolicismo”. Foi, em sua fase final, o primeiro jornal a ser editado na cidade de Goiana ⁴⁶.

Seguiu-se-lhe *O Mercantil*, “jornal comercial, literário, político, forense e religioso”, editado, também, na cidade do Recife, de 3 de Julho a 14 de Outubro de 1867 ⁴⁷.

Editou, ainda, na cidade de Goiana, *O Mercantil*, “Comercial, literário e noticioso”, era semanal, e teve duração de fins de 1870 até meados de 1871 ⁴⁸.

Nesses jornais abundava a sua produção intelectual.

Mas, a sua actuação se fez sentir, ainda, na cidade de Goiana, onde além de fundar jornais, foi um dos co-fundadores do Instituto Histórico e Arqueológico de Goiana, a 8 de Setembro de 1870.

Da sua produção científica, nesse Instituto, destacam-se trabalhos elucidativos da conquista holandesa no nordeste brasileiro.

Rastreando-se estes trabalhos tem-se o seu *Relatório de trabalhos*

⁴⁵ RIAGP, nº 12, p. 553.

⁴⁶ Alfredo de Carvalho. Estado de Pernambuco. Jornaes, revistas e outras publicações periódicas de 1821 a 1908. Rio de Janeiro, in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (Anais da Imprensa Brasileira) V. 1.1908. p. 509.

⁴⁷ Carvalho, *Ob. cit.* p. 513.

⁴⁸ Carvalho. *Ob. cit.* p. 521.

históricos e arqueológicos, lido no Instituto de Goiana, a 29 de Setembro de 1871, onde se encontram dados sobre os padrões chantados em solo brasileiro pelas primeiras expedições que perlustraram o nosso litoral ⁴⁹. Ainda, no mesmo Instituto, produziu informações sobre o domínio espanhol na região e sobre a naturalidade de D. António Felipe Camarão, herói indígena no combate ao invasor holandês.

Produziu, ainda, Raposo de Almeida sobre D. António Felipe Camarão, outro ensaio: *Biografia histórica e crítica do ilustre potiguar António Felipe Camarão* ⁵⁰.

Ainda, como orador do Instituto de Goiana, produziu *Biografia do Cônego Francisco José Tavares da Gama* ⁵¹.

O seu labor intelectual acresce com a edição da Revista do Instituto Histórico de Goiana, em 1871, com a publicação de três fascículos, contendo, principalmente, artigos de autoria dele, Raposo de Almeida ⁵².

Assim, Raposo de Almeida, penetrava, cada vez mais fundo, nos recônditos da formação e da evolução do Brasil, estudando-lhes os factos e as personagens.

A sua passagem pelas terras pernambucanas, com professor, foi observada e registrada por um seu aluno (?), glosando-a no conto “As calças do Raposo”, e o seu autor o foi MEDEIROS E ALBUQUERQUE ⁵³, que teria sido aluno ou ouvira a “estória”?

A ânsia de perambular era incontida e lá se vai Raposo de Almeida...

XV

Volta à cidade de São Paulo: 1873.

Dá transporta-se para o interior.

⁴⁹ RIAGP, nº 40, 1891. p. 99-110. (Relatório Assinado juntamente com Joaquim Rafael de Melo Júnior).

⁵⁰ Mário Santiago. *Analecto Goianense*, tomo X. 1952. p. 92 (reproduz *Jornal do Recife*, ed. de 24.8.1871).

⁵¹ Santiago, cit. p. 88-89 (reproduz “Jornal do Recife”, ed. de 20.9.1971).

⁵² Carvalho, cit. p. 523.

⁵³ José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque... (Recife, 04.09.1867 - 09.06.1934), literato. percentem à Academia Brasileira de Letras, autor, entre outros, de “*Minha vida*” (*memórias*), 2v., Rio de Janeiro, Calvino Filho, 1933 - 1934.

Volta à redacção de jornais, a sua grande e velha paixão.
Está nos seus últimos anos de vida.
Mas, ainda, assim, o professor desponta, uma vez mais.
Surge o seu Externato Raposo, em Pindamonhangaba, ainda, em 1873.
Fica famoso ⁵⁴.

E aquela vida, cheia de lutas, prenhe de agitação e repleta, também, de belos ideais e nobres ensinamentos, terminou, terrenamente, a 16 de Março de 1886.

O seu óbito está, anotado no Arquivo da actual Cúria de Taubaté:

“Aos desessete de Março de mil oitocentos e oitenta e seis foi sepultado no cemitério público o cadáver do Doutor Francisco Manoel Raposo de Almeida, de sessenta e nove anos, casado com Dona Maria Thereza Raposo de Almeida falleceu de lezão do coração, nesta cidade. O vigário Antonio Nascimento Castro”. ⁵⁵

Terminou a vida de um grande lutador, principalmente, das lides jornalísticas e da cultura.

XVI

Existem vidas que o contraste do trágico e do cômico se harmonizam, tornando-as interessantíssimas aos que as seguem, perquirindo os seus caminhos.

É o que, em parte, aconteceu, nas nossas pesquisas em relação a Francisco Manoel Raposo de Almeida.

Na sua atribulada vida as conspirações, contra a sua pessoa e os seus desejos, se sucedem. ora são de ordem familiar, ora de carácter político ou, ainda, de âmbito societário.

Assim, não sabemos por quais cargas d' água apodaram-no, nesta então Cidade de Nossa Senhora do Desterro, de **Gambá**, conforme vimos.

Em Santos fora apelidado de **Barbalonga**.

⁵⁴ Gil de Metódio Maranhão - comunicação acima citada e Ataíde Marcondes. *Pindamonhangaba*, cit. p. 64.

⁵⁵ Arquivo da Paróquia da Catedral de Taubaté. São Paulo. Certidão extraída do Livro de Óbitos de 1883 a 1887, pág. 156v. (obséquio do Sr, Gentil de Camargo).

Mas, não ficou, somente, nos apelidos.

A sua vida ultrapassa esses limites e vai até às raias do trágico-cômico.

Foi, na capital de Pernambuco, no Recife, homem de cultura que era, dedicado ao ensino, como nas outras então Províncias, que tomou vulto. Ali conheceu-o Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque, mais tarde “Imortal” da Academia Brasileira de Letras, e que passou para a literatura pátria, simplesmente, como Medeiros e Albuquerque. Esse homem-de-letras estudara debaixo dos olhares de Raposo d’ Almeida, e, assim, o retrata:

“... Era um velho alto, magro, de cara cumprida. Usava barba toda, uma barba muito rala, que, mal lhe vestia o rosto pálido, escaveirado. A testa era alta e larga, inteligente. Os olhos pretos tinham, entretanto, uma expressão de humildade, como jamais eu vi igual: olhos súplices, olhos de queixa e medo. Vestia uma sobrecasaca muito velha, velhíssimas eram também os punhos, o colarinho, a gravata - tudo a desfiar-se. Tinha, contudo, um quê de homem de boa sociedade, via-se que aquela roupinha surrada estava escrupulosamente escovada, limpinha, direitinha...”

E, conta, daí por diante, a recepção dada ao mesmo no colégio que estudara no Recife, como chefe de disciplina, quais os problemas disciplinares que frequentou; a sua paixão pelo filho único que deseja ver formado; e, a sua luta para tal intento, transformando a sua existência num rosário de sacrifícios e mortificações.

Conseguiu que o filho - António - concluísse os estudos. Para a festa de diplomação mandou confeccionar umas calças claras, o que causou estranheza aos que haviam acostumado a vê-lo de calças pretas.

A perversidade de um péssimo aluno, de um diabrete, salpicando-as de tinta, minutos antes da cerimónia, impedem a sua presença na colação de grau do filho dilecto.

É este o assunto dum bem urdido conto, que se intitula “As calças do Raposo”⁵⁶.

Desta forma, mais uma vez, ficou inscrito o nome de Francisco Manoel

⁵⁶ Medeiros e Albuquerque - in *Biblioteca Internacional de Obras célebres*, vol. XXIV, págs. 11984 e seguintes.

Raposo d' Almeida no anedotário e, assim, penetrando na literatura brasileira, numa das suas belas páginas.

Aliás, o mesmo autor aproveitou a figura de Raposo d' Almeida para outro delicioso conto ⁵⁷.

XVII

O levantamento bibliográfico que se apresenta é, ainda, incompleto.

Em fontes açorianas o elenco da Bibliografia de Francisco Manoel Raposo d' Almeida apresenta-se com trinta e um títulos ⁵⁸.

Em outra bibliografia açoriana há pequena referência a este autor ⁵⁹.

Vejam, pois, o que se apurou, até agora, sobre a produção literária e científica deste autor açoriano.

1. *Costumes Michaelenses. Cantar de Reis. Uma procissão. O Monge da Caloura*. “Mozaico”, “jornal de instrução e recreio”. Lisboa, 1840. 2º v. pp. 2, 17, 169, 177 e 185.

2. *Costumes Michaelenses. I. Cantares de Reis*, “O Mozaico”, nº 44, Lisboa, p. 2-5, com 1 gravura.

3. *Costumes Michaelenses. Trajos regionais*. “O Mozaico”, nº 44, Lisboa, 6 de Jan. 1840.

4. *Costumes Michaelenses. O Monge da Caloura (romance histórico)*. “O Mozaico”, nº 67. Lisboa, 15 de Jun. 1840, p. 184-188, ilustrado.

5. *Apontamentos de História Contemporanea. Ilha de São Miguel*. Lisboa, Tip. Silva, 1846. 64p. Nota de E. CANTO: “Sahio anonyma; foi,

⁵⁷ “O filho do Inspector”, in *Antologia Brasileira*, de Werneck.

⁵⁸ João Afonso. *Bibliografia geral dos Açores*. Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, Açores, ed. Secretaria Regional de Educação e Cultura/Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985. v. 1 (letras A-BR), p. 129-132.

⁵⁹ Ernesto do Canto. *Biblioteca Açoriana. Notícia Bibliographica das obras impressas e manuscriptas nacionaes e estrangeiras, concernentes às Ilhas dos Açores*. Tip. Archivo dos Açores, Ponta Delgada, Ilha de São Miguel, Açores, 1890. p. 32 e 120 e *Arquivo dos Açores*. v. 5. Ponta Delgada, ed. Universidade dos Açores, 1981. p. 382-384.

porém, seu autor Francisco Manoel Rapozo d' Almeida, que escreveu para satisfazer paixões políticas, mas com muita parcialidade”.

6. *Camões - drama original portuguez*. Rio de Janeiro, Typ. Clássica, de Raposo d' Almeida & Ferreira Monteiro, 1847, 2ª ed., Santos, SP, Tip. Imparcial, de F. M. Raposo d' Almeida, 1851. XXV +201 p. (desta edição há exemplar na Biblioteca Nacional, RJ); 3ª ed. Tip. jornal “A época”, ed. nº 102, 15 de Dezembro de 1883, com tiragem à parte de 20 exemplares, distribuidos a diversas personalidades.

7. *D. Afonso 6º*, drama em 5 actos.

8. *D. Inês de Castro*, drama em 5 actos.

9. *O Conjurado*, drama em 5 actos, aprovado pelo Conserv. de Lisboa, dedicado a D. Maria II.

10. *A Favorita*, drama em 5 actos.

11. *Martim de Freitas*, drama em 5 actos (...), Rio de Janeiro, 1847.

12. *Oblação à memória do Sr. Dom Affonso, augusto primogénico de SS.MM.II.* - publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1847, tomo IV, págs. 46 a 49.

13. *Elogio académico do Exmº Sr. Dom Francisco II, Cardeal Patriarca de Lisboa*, “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, 4, Rio de Janeiro, 1847, p. 198-206 (ex. na Biblioteca Nacional, RJ).

14. *Elogio histórico do Marechal Raimundo José da Cunha Mattos*, “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, 4, Rio de Janeiro, 1847, p. 234-240.

15. *Discurso maçónico (na posse de dignidades, na Loja Cap. Firmeza e União, pelo orador da mesma (F.M.R.A))*. Tip. de F. de Paula Brito, Rio, 1848.

16. *O Monge da Caloura*, Romance histórico, publicado em folhetins no jornal “Nova Gazeta dos Tribunais”, Rio de Janeiro, 1848.

17. *As folhas de um album, recordações de F. M. Raposo d'Almeida*, Santos, Typographia Imparcial de F.M.R. d' Almeida, 1851, 51 p.

“A folha de ante-rosto contém a informação: OBRAS DE F. M. RAPOSO D' ALMEIDA. TOMO II. FOLHAS DE UM ALBUM”. Obra dedicada a Guilherme Read Cabral. No prólogo o autor explica que deixa de se consagrar à publicação de tais “escritos amenos” para lançar-se à pesquisa da história paulistana. E comenta: “Bem como o drama Camões é o meu testamento d' alma, assim o livro as Folhas de um Album, deve reputar-se o seu codicilo, porque elle encerra as pungentes agonias do expatriado, é o supremo e derradeiro suspiro, enviado à terra da patria, a essa Canaan saudosa, e querida, à qual - Deus sabe - se tornarei a voltar”. Na introdução, Raposo atribui a obra a um português, amargurado com a morte do pai, que, encontrou por acaso no Rio de Janeiro, e que em seguida veio a falecer, entregando-lhe os escritos”. (anotação de Rubens Borba de Moraes). (pesquisa da Profª. Drª. Ana Maria de Almeida Camargo).

18. *Impressões de viagem* - Santos, 1851. O Drº Gil Maranhão registra como “Viagem à Província de São Paulo”. Publicadas, parceladamente, nos jornais “Ipiranga”, “Nacional” e “Mercantil” (neste nas fases de Santos e São Paulo, nos números de Santos: 77,78, 80 e 97, e de São Paulo: 19, 21, 22, 23 e 24). Não há notícia de terem sido, essas crônicas, enfeixadas em volume.

19. “*O Monge da Serra d' Ossa*”, romance histórico e drama, publicado, inicialmente em folhetim, no jornal “Mercantil”, da cidade de Santos (de Novembro de 1850 a Janeiro de 1851, n^{OS}. 25, 26, 31, 33, 38, 39 e 41) e, posteriormente, em volume, Tip. Imparcial, de Santos, 200 p., com introdução e juízo crítico sobre o autor e a obra.

O drama tem a participação de seis personagens (o Monge da Serra d' Ossa, D. Alvaro d' Almeida, Fernando da Silveira, D. Isabel de Almeida, D. Afonso IV - rei de Portugal - , e Leonor - aia de D. Isabel).

Passa-se o 1º acto na sala gótica do castelo de Trena, de onde se descortina a estrada do Alandroal. o 2º acto tem lugar no acampamento militar nos campos do Salado. o 3º acto no mesmo cenário do 1º acto.



Fachada do Teatro Municipal de São José, SC,
onde foi apresentada a peça “O Monge da Serra d’ Ossa”,
de autoria de Raposo d’ Almeida (Foto de Tarcisio Mattos).

Representado na inauguração do teatro da cidade de S. José, SC, a 21 de Junho de 1856, quando Raposo d’ Almeida ainda não se encontra em SC.

20. *Memória do método mnemónico de ler, escrever e contar*. Rio de Janeiro, Tip. de N. L. Vianna, 1856. 31 p. (há exemplar na Biblioteca Nacional, RJ).

21. *Origem do Colégio Pedro II* - publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1856, tomo XIX, págs, 538 e seguintes.

22. *A guarda dos Domingos: Estudos filosófico-religiosos*. Rio de Janeiro, Tip. Americana, 1856. 46 p. (há exemplar na Biblioteca Nacional, RJ).

23. *Discurso inaugural da cadeira de História Universal do Seminário Arquiepiscopal da Bahia*. Tip. de O. França Guerra, Salvador, 1863, 36 p. (há exemplar na Biblioteca Nacional, RJ).

24. *Biografia do Arcebispo Marquês de Santa Cruz*. Tip. de Camilo Lellis, Masson & Cia. Bahia, 1863. 54 p. (há exemplar na Biblioteca Nacional, RJ).

25. *Elogio histórico e biographico do Exm. e Rvm. Arcebispo D. Romualdo António de Seixas ...*, incluído nos discursos recitados na sessão de 12 de Abril de 1863. Bahia, Tip. de António Olavo de França Guerra, 1863. p. 37-119. (há exemplar na Biblioteca Nacional, RJ).

26. *Biografia de D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, Bispo do Rio de Janeiro, Conde de Irajá*. Tip. de Camillo Lellis, Masson & Cia., Bahia, 1864, 56 p.

27. *Biografia do Bispo Conde, Capelão-mor ...* Bahia, Tip. de Camillo Lellis Masson & Cia., 1864, 56 p. (há exemplar na Biblioteca Nacional, RJ).

28. *Noções de Geografia do Brasil, adaptadas às escolas primárias*, s.l., 1866.

29. *Elementos de Gramática Portuguesa, Segundo um sistema mnemónico*. 2ª ed. Pernambuco, Tip. de Santos & Cia., 1866. 78 p. (há exemplar na Biblioteca Nacional, RJ).

30. *Elementos de História Universal*, s.l. 1867.

31. *Breve memória sobre o método mais fácil de investigar, coleccionar e organizar os materiais de história* - lida no Instituto Arqueológico Pernambucano. Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, Recife. t.l., 1868, pp. 449-456. O Prof. Dr.º José Honório Rodrigues, in "A pesquisa histórica no Brasil", ed. do Instituto Nacional do Livro, 1952, p. 40-41, refere-se a ele encomiasticamente.

32. *Discurso de introdução à História da Igreja Pernambucana* - memória lida, na sessão de 1º-IV-1867, no Instituto Arqueológico Pernambucano e publicada na Revista do mesmo Instituto, nº 13, Outubro de 1867 (informação do Sr. Gabriel J. da Costa, do Recife).

33. *Catálogo dos Bispos de Pernambuco* - lido, também, no instituto acima mencionado.

34. *Memória histórica, topográfica e crítica do Forte de S. Jorge* - idem.

35. *Memória sobre o estabelecimento, permanência e extinção dos jesuítas em Pernambuco* - idem.

36. *Memória sobre a autenticidade do Monte das Tabocas* - idem.

37. *Memória sobre a fundação do recolhimento da Glória* - idem.

38. *Relatório dos trabalhos históricos e arqueológicos* - lido no Instituto Arqueológico de Goiana, a 29-IX-1871, e publicado, primeiramente, no “Jornal do Recife”, a 27-X-1871, e posteriormente na Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano, 1891, nº 40, págs. 99 a 110.

39. *Biografia histórica e crítica do ilustre potiguar Antônio Felipe Camarão* - lida no Instituto de Goiana e referida em noticiário do “Jornal do Recife”, de 24-VIII-1871.

40. *Biografia do Cônego Francisco José Tavares da Gama* - lida no Instituto de Goiana, 15-VIII-1871, e impressa. Foi esta biografia noticiada, também, no “Jornal do Recife”, de 20-IX-1871.

41. *História Eclesiástica do Brasil* - inédito referido por João Franklin da Silveira Távora, no “Elogio dos Sócios falecidos”, atrás referido.

Ainda, produziu Raposo d’ Almeida “júzoz críticos” e “notícias biographicas”.

No primeiro caso está:

SAULES, Carlos Luis de. *Manoel Beckman*, drama original brasileiro

em 5 actos. Rio de Janeiro, Tip. Clássica de José Ferreira Monteiro, 1848. 130 p. (há exemplar na Biblioteca Nacional, RJ).

No tocante à “notícia biográfica” assinala-se:

AZEVEDO, José Soares de. *Poesias Selectas*, com uma notícia biográfica - 29 p. -, elaborada por Raposo d' Almeida. Recife, Tip. Mercantil, 1879, 245 p. (há exemplar na Biblioteca Nacional, RJ).

Como se vê não foi pequena a produção literária desse açoriano em terras brasileiras!

XVIII

Nada mais caracteriza Francisco Manoel Raposo d' Almeida que a sua constante actividade jornalística.

Na sua peregrinação pelas brasileiras terras colaborou, redatoriou ou dirigiu os seguintes jornais:

1. *Nova Gazeta dos Tribunais* - Rio de Janeiro, 1º fase, 1846-1848.
2. *O Mercantil* - Santos e São Paulo. Dele já dissemos alguma coisa no corpo do presente trabalho. Era impresso na Tip. “Imparcial”, de propriedade do mesmo Raposo d' Almeida e “que se compunha de dois prelos, um de ferro e estanho e outro de pau, com todos os seus pertences, como tipos, caixas, emblemas”, esclarece-nos Costa e Silva Sobº, no trabalho citado em outro lugar deste esboço. Circulou, aproximadamente, dois anos (1850-1852).

3. *A Semana* - Rio de Janeiro, “Jornal literário, científico e noticioso”. 1855. Nele colaborou Raposo d' Almeida e ali se encontram trabalhos assinados por sua pena.

4. *A Tribuna Católica* - Rio de Janeiro, 1857. Órgão do Instituto Episcopal Brasileiro, do qual era secretário.

5. *O Brasil* - “jornal católico, literário e noticioso”, do qual era director. Rio de Janeiro, 1857. Impresso na Tipografia Americana de José S. do Pinho. Dele há exemplares na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

6. *O Cruzeiro do Sul* - Desterro, hoje Florianópolis. Seu primeiro número saiu a 11 de Março de 1858. Era bi-semanário, impresso na Tipografia Catarinense, de Germano A. Maria Avelim e editado por Francisco Vicente Ávila. A redação estava situada no “Largo do Quartel”, o velho “Campo do Manejo”, hoje Praça General Osório (desaparecida com a construção do Instituto Estadual de Educação). nº 41. Af, Raposo d’ Almeida, iniciou-se na Imprensa Catarinense.

7. *O Cruzeiro* - Desterro. Sob a exclusiva direção e responsabilidade de Raposo d’ Almeida surgiu a 26 de Fevereiro de 1860 e viveu até 30 de Outubro daquele ano, reaparecendo a 8 de Novembro e findando-se a 11 do mesmo mês e ano (1860). Um dos jornais daquela época que se editava na Capital Catarinense, a antiga Cidade do Desterro, “O Progressista”, assim anunciou o fim da sua Circulação: “O Sr. F. M. Raposo d’ Almeida foi despedido pela intitulada *Botica* do Cargo de redator em chefe do Partido; em consequência do que morreu o “Cruzeiro”.

8. *A Estrella* - Desterro. Com este “jornal literário, político e noticioso”, Raposo de Almeida, voltou às lides do periodismo catarinense. Surgiu ele a 6 de Maio de 1861 e durou até 31 de Outubro do mesmo ano.

9. *O Mercantil de Santa Catharina* - Desterro. Substituiu o precedente. A sua primeira edição é de 4 de Janeiro de 1862. Raposo d’ Almeida dirigiu-o até 1º de Março, quando passou-o ao drº Joaquim Augusto do Livramento, que continuou a sua publicação. Era bi-semanário.

10. *Brasil Catolico* - Salvador, Bahia. Viveu este jornal de 1860 a 1863. Só neste último ano é que Raposo d’ Almeida colaborou nele.

11. *O Oriente* - Jornal Católico, político, literário e noticioso. Pernambuco, Tip. do *Correio do Recife*, rua do Imperador nº 79, primeiro andar (nºs. 1-10); Tip. Nacional, rua Estreita do Rosário nº 28 (nºs. 11-39); Goiana, Tip. Comercial, rua do Meio nºs. 70-72 (nºs. 40-47), 1866-1869.

O nº 1 saiu a 8 de Julho de 1866 e o nº 47 (último) a 20 de Maio de 1869. Publicação irregular. Série de 20 números 5\$ rs. Redigido pelo dr. Francisco Manoel Raposo d’ Almeida, “tinha por fim considerar o Brasil na sua política, na sua literatura e em todos os interesses moraes e materiaes

em relação ao catolicismo”. Foi o primeiro jornal impresso e publicado em Goiana”⁶⁰.

12. *O Mercantil* - Jornal Comercial, literário, político, forense e religioso. Pernambuco, Tip. Nacional (nº 1), Tip. Mercantil, rua Estreita do Rosário nº 28 (n.ºs. 2-17), 1867.

O nº 1 saiu a 3 de Julho e o nº 17 (último) a 14 de Outubro. Publicação duas a três vezes por semana. Série de 24 n.ºs. 5\$ rs.; número avulso 320 reis. Redigido pelo Dr. Francisco Manoel Raposo de Almeida.

13. *O Mercantil* - Jornal de Goiana, comercial, literário e noticioso. Goiana. Tip. Comercial, rua do meio n.ºs. 70-71, 1870- 1871.

Apareceu em fins de 1870 e a publicação ainda perdurava em meados de 1871. Semanal. Ano 15\$; número avulso 320 reis. Redigido pelo Dr. Francisco Manoel Raposo de Almeida, “tinha por fim promover os interesses literários, agrícolas, políticos e religiosos do Brasil, e especialmente da Comarca de Goiana”.

14. *Revista do Instituto Histórico de Goiana*. Goiana, Tpi. Comercial, 1871.

Sairam apenas três fascículos, contendo principalmente artigos do Dr. Francisco Manoel Raposo de Almeida, “a cuja iniciativa foi devida a fundação do Instituto Histórico de Goiana”.

15. *Liberal* - A respeito deste periódico pouquíssimo conseguimos. Pelo apurado, foi dirigido por seu filho, António Raposo d’ Almeida, em 1880, apesar de Franklin Távora o dar como redatoriado por F. M. Raposo d’ Almeida. Alfredo de Carvalho no seu levantamento da imprensa pernambucana não o cita como editado por Raposo d’ Almeida!

16. *Americano* - Apesar de Franklin Távora citar, no “Elogio dos sócios falecidos”, este jornal, como de fundação de F. M. Raposo d’ Almeida, sabemos-lo dirigido por seu filho, António.

⁶⁰ Alfredo de Carvalho. “Estado de Pernambuco. Jornaes, revistas e outras publicações periódicas de 1821 a 1908”. Rio de Janeiro, in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo do 1º Centenário da Imprensa Periódica no Brasil, p. 2, v. 1 (Anais da Imprensa Periódica Brasileira), Imp. Nacional. 1908, p. 389-682).

17. *Gazeta do paraíso* - idem.

18. *Jornal de Taubaté* - 1883. Idem.

19. *Jornal de Pouso Alegre* - deste nada encontramos que falasse sobre a sua existência, apesar de, também, citado por Franklin Távora.

E, como vemos, não foi pequena a semeadura de jornais realizada por Francisco Manoel Raposo d' Almeida, pelas terras que peregrinou.

Provou, assim, que o jornalismo foi o seu grande pendor, a sua grande paixão, e, também, onde as suas qualidades intelectuais se expandiram melhor.

Entretanto, a sua bibliografia mostra que era, acima de tudo, um estudioso, principalmente, da História.

Daí o nosso interesse em divulgar esta resenha bio-bibliográfica, urdida, pacientemente, desde 1949, quando fomos impulsionado para o estudo desta figura singular do nosso jornalismo, que os Açores nos legou e que, por ser estrangeiro, não figura na nossa literatura, e, por sua vez, também, é desconhecido dos seus compatriotas, por haver dedicado, ao Brasil, a sua existência.

XIX

O que se apresenta, a seguir, são alguns traços particulares de Raposo d' Almeida (Francisco Manoel) e de sua família.

Era Raposo d' Almeida, de acordo com os depoimentos existentes - e que nos foram transmitidos por aqueles seus contemporâneos - um homem dedicado. Não possuía vícios. “Tinha medo de tempestades”.

Foi casado com D. Maria Teresa Salgado que “era muito económica e muito senhora de si”, e, por isto, “desentendeu-se com o marido, que dela se separou”. Era ela, também analfabeta e “dizia ter o bastante para que lessem por ela”.

Assim, de acordo com o colhido na “Genealogia Paulistana”, de Luiz Gonzaga da Silva Leme (Vols. I, 482 e VIII, 57) e noutras fontes, damos a sua descendência.

Como vimos foi casado, com D. Maria Teresa Salgado, natural de

Pindamonhangaba - São Paulo, filha do Ajudante António Moreira de Souza e Almeida e de D. Maria Correa Salgado; neta paterna do Tenente José Francisco de Almeida e de D. Ana Maria da Conceição, neta materna de António da Silva Salgado e de D. Maria Correa (esta filha do Alferes Inácio Correa da Silva e de D. Quitéria da Silva). (Silva Leme - "Genealogia Paulistana". 8º vol., Título "Dias").

Francisco Manoel e D. Maria Teresa tiveram:

1. *Cel. António Raposo d'Almeida* - nascido, em Pindamonhangaba, a 22 de Agosto de 1854. Jornalista. Deputado estadual, em Minas Gerais(1888), e advogado em Santos. De sua autoria encontramos "Os Campos de Jordão na história e na lenda" (Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. XVIII. 1913). Foi casado duas vezes. A primeira com D. Maria Anélia de Noronha, falecida a 1º de Julho de 1878, e havendo deste consórcio uma filha, falecida em tenra idade. A segunda vez casou-se com D. Elvira Nogueira de Sá, nascida, em Pindamonhangaba, a 5 de Setembro de 1864 e falecida, em São Paulo, a 2 de Novembro de 1911, filha de António Joaquim Nogueira de Sá e de D. Maria Inácia de Noronha; np. de José Inácio Nogueira Sá e de D. Teresa Joaquina de Oliveira; nm. do Major Joaquim Carlos de Noronha e de D. António Joaquina de Magalhães (Silva Leme - "Genealogia Paulistana", 6º vol. Título "Bicudos"). Com a seguinte geração:

2.1. *Maria Inácia de Noronha Raposo*, falecida, solteira, a 27-XII-1897.

2.2. *Francisco Manoel Raposo d'Almeida*, bacharel em direito, advogado em Santos. Nascido a 15-III-1882 e falecido a 2-III-1911. Foi casado na família *Proost Rodvalho*, tendo dois filhos.

2.3. *Antonio Raposo d'Almeida, Filho*, advogado em Santos; nascido a 7-III-1884.

2.4. *Jeny de Noronha Raposo* foi casada com Djalma de Magalhães.

2.5. *Elvira de Noronha Raposo Pinto c.c. Américo do Amaral Pinto*, filho do Tte. Cel. José Jacinto do Amaral Pinto e de D. Maria Hipólita de Oliveira, np. de António José do Amaral e de D. Sabina da Silveira (filha

esta do Alferes José Desidério Pinto); nm. de Adão Rodrigues Pereira e de D. Mariana de Oliveira Mattosinhos (Silva Leme - “Genealogia Paulistana”, 1º vol., Título “Buenos de Silveira”).

2.6. *Etelvina de Noronha Raposo*, irmã vicentina.

2.7. *Oswaldo Raposo de Almeida*, médico.

2.8. *Guilherme Raposo de Almeida*.

2.9. *Manoel Raposo de Almeida*, advogado.

2.10. *Aníbal*, falecido em tenra idade.

2.11. *Alzira*, idem.

2.12. *Maria Benedita*, idem.

2.13. *José*, idem.

E, desses netos de Raposo d' Almeida há descendentes!